

O discurso crítico da pós-modernidade convive com a pluralidade das manifestações culturais, empenhadas no deslocamento marginal da razão moderna. Ao redefinir a retórica colonialista e a marca cronológica do tardio – o que está sempre condenado a “ter chegado depois” –, instauram-se estratégias políticas e discursivas movidas por temporalidades ambivalentes e alternativas. Sob o signo da tensão entre categorias analíticas até então consideradas opostas, o discurso musical da América Latina se impõe como processo cultural híbrido, mais disposto a “negociar as contradições” do que a aderir às oposições.

Os textos que compõem este 8º número de *Margens/Márgenes* constataam que as mudanças tecnológicas e a coincidência do novo milênio com a era digital não só desfazem propostas identitárias essencialistas, como demonstram a capacidade do discurso musical de dispersar os sons dos lugares de origem, o que resulta na *esquizofonia* dos tempos atuais, segundo Ana Maria Ochoa Gautier. O primitivo é moderno, o nacionalismo é cosmopolita, o cool jazz divide espaço com o samba, a música eletrônica com a bossa nova e ritmos tradicionais com *samples* de bases programáticas. O *Cubop*, marco do encontro entre o ritmo cubano e o jazz americano (entre Pozo e Gillespie), e o *Latin jazz*, gênero musical tardio, traduzem a mescla heterogênea entre ritmos e sons e a reformulação de parâmetros transculturais.

No impasse causado pelo enfraquecimento da cidade letrada, do controle do ruído desordenado das massas e da distância entre espaço público e privado, esta edição conta ainda com depoimentos e registros artísticos. As entrevistas de Gabriela, responsável pela Ong *Davidá*, e de Musotto, músico argentino radicado na Bahia, as fotos sampleadas de Artur Omar e um texto/proposição manuscrito de Hélio Oiticica.

Este número contou com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, à qual agradecemos, na pessoa de Eleonora Santa Rosa.

Os editores